



10.11.2023

Diretor
Filipe Alves
Subdiretores
Lígia Simões
e Nuno Vinha
Diretor de Arte
Mário Malhão

Especial

Caderno publicado
como suplemento
do Jornal Económico
nº 2223. Não pode
ser vendido
separadamente.



Líderes da Consultoria e Assessoria Financeira

A incerteza provocada pela crise política deverá dificultar operações como a privatização da TAP, que estavaprevista para o primeiro semestre de 2024, mas o próximo ano deverá assistir a um ligeiro crescimento no mercado transacional português, dizem os especialistas ouvidos pelo Jornal Económico.

Assessores financeiros antevêm mais operações de fusões e aquisições no próximo ano

Análise ■ P.2-3

Jorge Tomé.
“Inflação e risco geopolítico vão ser decisivos para o M&A em 2024”

Entrevista ■ P.4-5



Robô-assessor português vem de Aveiro para melhorar negociações

Tecnologia ■ P.8-9

Otimismo moderado é o mote para encarar o próximo ano no sector da assessoria e consultoria

Fórum ■ P.10-11

Editorial

Um mercado de M&A à prova de crise política. E isso é bom?



Nuno Vinha
Subdiretor

A crise política que se instalou em Portugal nesta semana não poderá deixar de marcar, e com alguma profundidade, a economia portuguesa. Veremos (é a mais forte possibilidade) aprovada a atual proposta de Orçamento de Estado? Ou o país e o Estado terão de se aguentar a viver em duodécimos? E com as eleições, teremos uma maioria estável, ou uma corrida aos extremos?

Em muitos outros países, este clima de incerteza poderia ser mais do que suficiente para arrefecer os apetites dos seus investidores, levando-os a congelar as suas opções mais arriscadas, preferindo o valor seguro.

É por isso, com alguma tristeza que lemos – na entrevista a Jorge Tomé das páginas 4 e 5 deste Especial – que “o factor político estritamente nacional não tem qualquer influência” nas operações de Aquisição e Fusões em Portugal. E porquê? Porque somos “um mercado “muito influenciado por operações *crossborder* e no *middle market*”. Ou seja, operações com empresas de média dimensão (e em Portugal isso significa empresas bastante pequenas no contexto europeu e mundial), muitas vezes compradas por outras vindas de fora. Com os riscos, mas também oportunidades, que tal acarreta para o nosso tecido empresarial.

Seja como for, caro leitor, são excelentes pontos de reflexão que estas páginas lhe trazem. Boas leituras.

Assessores financeiros anteveem mais fusões e aquisições em 2024

Fusões e Aquisições Bancos e boutiques financeiras são unânimes: O ano de 2023 foi desafiante, mas há uma luz ao fundo do túnel em 2024. Saúde, hotelaria, automóvel, energia, infraestruturas e IT são as áreas mais ativas.

Maria Teixeira Alves
mtalves@medianove.com

[Durante o ano passado, os negociadores de fusões e aquisições (M&A) enfrentaram os desafios mais duradouros desde a crise financeira de 2008. O aumento imprevisível das taxas de juro, a inflação, as tensões geopolíticas e o fantasma da recessão contribuíram para uma desaceleração sustentada da atividade que atingiu o seu ponto mais baixo na primeira metade de 2023, de acordo com o “The Global M&A Report”, realizado pela Boston Consulting Group (BCG). Na Europa, o valor das M&A diminuiu 55% entre o primeiro semestre de 2022 e o primeiro semestre de 2023, excedendo a queda de 45% a nível mundial.

Mas as perspetivas para o próximo ano mostram sinais promissores de recuperação, que já terá começado a decorrer este ano. Um dos responsáveis da banca de investimento de um grande banco explicou ao Jornal Económico, que há claramente um antes e um depois 7 de novembro (quando se demite o primeiro-ministro na sequência

de uma investigação do Ministério Público. Até 7 de novembro eram esperadas grandes operações de M&A (fusões e aquisições) em 2024. Nomeadamente a privatização da TAP, a eventual venda da Altice e a colocação em bolsa do Novobanco. Mas a incerteza política atual deixa essas potenciais operações em ambiente de incerteza.

O clima para os grandes negócios ficou mais enublado, e o optimismo para 2024 foi refreado. Até porque os investidores estrangeiros, como por exemplo os fundos de private equity, acor-

A incerteza política deverá dificultar operações como a privatização da TAP, a entrada em bolsa do Novobanco e a eventual venda da Altice Portugal



UNSPASH



daram no dia 8 de novembro com uma newsletter da Bloomberg com um cabeçalho a dizer “Portugal Corruption Probe”.

No entanto os assessores financeiros mantêm a opinião que mercado de fusões e aquisições entre empresas de média dimensão continua promissor. A perspectiva de que as taxas de juros em 2024 iniciarão o seu trajeto de descida, ou pelo menos atingirão um tecto de subida, faz crer que o mercado de M&A vai acelerar em 2024.

Uma vez que, como nos conta, um dos bancos de investimento relevantes no mercado, o time to market das operações de fusões e aquisições é longo, as operações esperadas para 2024 já estão a ser preparadas este ano. Por isso há já uma ideia clara de que sectores serão protagonistas de M&A em 2024 no mercado português.

Um dos bancos disse que para 2024 são esperadas operações no sector da saúde, hotelaria, retalho alimentar e materiais de construção. Outro banco de investimento falou nos sectores de infraestruturas, energia e tecnologia.

Sectores mais resilientes e menos vulneráveis às circunstâncias acabam por funcionar como refúgio em tempos de incerteza.

O imobiliário (e.g. logística e o regresso, por exemplo, de várias operações de retail), turismo, energias renováveis, infraestrutura & tecnologia e algumas indústrias estiveram em destaque em 2023 e estão em pipeline para 2024. Também a Howden diz que “deverão continuar a mover-se os sectores de energias renováveis, imobiliário, turismo, infraestrutura e tecnologia (e ainda provavelmente algumas reestruturações ou operações de distressed assets a vir para o mercado)”.

O sector da energia, que era dos mais ativos no mercado de fusões e aquisições, sofreu um revés com a subida das taxas de juro, refere um especialista.

Como nos conta uma fonte da banca de investimento, a instabilidade fiscal e regulatória também afecta o sector e citou o anúncio do Estado de que as barragens passam a pagar IML.

Portanto, para 2024, o mercado espera a estabilização da política monetária uma vez que já há sinais de abrandamento da inflação, e se não houver reces-

são, é esperada uma maior previsibilidade dos investimentos pelos actores das operações de M&A. Todos concordam que com juros altos a atividade de M&A é afectada. Os private equity porque comprem ativos com alavancagem, e os juros altos encarecem o financiamento, e as empresas porque também se financiam no mercado, para além de que a disponibilidade para fazer investimentos fica mais comprometida, uma vez que os negócios ficam mais caros. Ao mesmo tempo as empresas veem as suas margens operacionais esmagadas pela inflação. Por isso, a perspectiva que 2024 terá menos inflação e por isso a política monetária ir abrandar a subida dos juros é benéfico para o ambiente de operações de M&A.

A ajudar à expectativa para 2024 estão os elevados níveis de capital disponível. O maior apoio à realização de transações virá da abundância de capital disponível detido por fundos soberanos, investidores de private equity e de capital de risco e algumas grandes empresas. defende a BCG.

Francisco Alvim, Head of M&A Portugal da Howden, diz que “enfrentamos o mesmo contexto de incerteza – permanecem os factores externos, agora agravados por outro conflito no Médio Oriente, além da instabilidade política interna (queda do governo, ciclo eleitoral intenso no horizonte com a expectativa que estes períodos sempre geram)”.

“Sem prejuízo deste contexto, sentimos que continua a haver apetite por parte de investidores e liquidez no mercado (dry powder), defende Francisco Alvim

que acrescenta que “vemos que investidores também procuram formas alternativas de financiamento”.

Além disso, “se conseguirmos utilizar a instabilidade política a nosso favor e salvar ou relançar alguns programas (e.g. o RNH), isso poderá ajudar a atrair investimento que eventualmente preparava para se deslocalizar”, acrescenta o responsável da Howden.

Isto para dizer que “na Howden o pipeline para 2024 está relativamente saudável e encaramos o novo ano com optimismo moderado, apesar dos desafios”.

Francisco Alvim diz que em termos de origem do investimento “este ano vimos principalmente UK e Espanha, seguidos de US, França e interno (Portugal), mas assessorámos várias outras operações com capital de proveniências tão diversas como Alemanha, Suécia, Bélgica, Brasil ou Polónia, o que demonstra como Portugal continua a ser visto como destino apetecível no radar de investidores estrangeiros”.

O ano 2023 começou num ambiente cauteloso e em contexto de grande incerteza – conflito na Europa (e consequente impacto geopolítico, desde logo gerando uma crise energética), pico da inflação, subida de taxas de juro. Mas apesar deste contexto, “o segundo semestre mostrou alguma recuperação e acabará por ser um ano relativamente equilibrado”, explica a Howden.

Francisco Alvim detalha que provavelmente o número de transações em 2023 em Portugal ficará próximo de 2022, mas com redução no volume. “Vimos algumas operações grandes abortar devido a obstáculos no financiamento ou ao gap na expectativa de preço entre vendedores e compradores”, revela.

“Dito isto, na Howden assessoramos mais transações em Portugal em 2023 do que em 2022 (+60%), o que mostra o dinamismo deste mercado”.

Também para o Haitong o ano de 2023 foi um bom ano desde logo porque atuaram como assessor financeiro da cotada Semapa na aquisição da Triangle’s. Para 2024 é pelo menos esperada a concretização da venda da atividade de turbinas a gás da MAN Energy Solutions, filial da Volkswagen, à empresa chinesa CHGT, e o banco de investimento português é assessor da empresa chinesa.

O sector da energia, que era um dos mais ativos no mercado de fusões e aquisições, sofreu um revés com a subida das taxas de juro

“Inflação e risco geopolítico vão ser decisivos para o M&A em 2024”

Entrevista com Jorge Tomé. O *managing partner* da Optimal Investments considera que o próximo ano deverá assistir a um crescimento ligeiramente positivo no mercado transaccional português, mas prevê que tal apenas venha a ser possível se a inflação continuar a descer e se o risco geopolítico não se agravar. A crise política tornará muito difícil que a privatização da TAP venha a ficar concluída no próximo ano, avisa.

Filipe Alves

falves@medianove.com

O *managing partner* da Optimal Investments (empresa que fundou em 2018 juntamente com José Maria Ricciardi, Rafael Valverde, Miguel Geraldès e Luís Paulo Tenente) acredita que o próximo ano assistirá a um crescimento ligeiramente positivo nas fusões e aquisições (M&A) em Portugal. Mas Jorge Tomé considera que esse cenário apenas será viável se a inflação baixar ao ritmo previsto pelas instituições internacionais e se o risco geopolítico, com os conflitos na Ucrânia e o Médio Oriente, não se agravar. Quanto à privatização da TAP, diz que dificilmente ficará concretizada em 2024, dada a situação política.

Que balanço faz da atividade da Optimal em 2023, ano que está quase a terminar?

O ano de 2023 foi francamente positivo para a Optimal Investments, até porque nos anos de Covid registaram-se algumas desistências de mandatos e transacções que penalizaram o pipeline de negócios da Optimal.

E quanto ao conjunto do mercado?

A percepção e os números que temos até Agosto de 2023, é que



Os prémios de risco têm várias componentes explicativas significativas. E a componente geopolítica é uma delas”

o mercado de M&A está registar alguma quebra face ao ano de 2022, *like for like*. Vamos ver como é que termina o ano.

O ano de 2024 promete ser marcado por alguma incerteza acrescida, incluindo a nível político. Essa incerteza vai ter impacto no sector, nomeadamente em áreas como as fusões e aquisições (M&A)?

As transacções de M&A em Portugal, é um mercado muito influenciado por operações “cross – border e no middle market”. Como tal, o factor político estritamente nacional não tem, na nossa opinião, qualquer influência. O que tem influência são os factores associados aos riscos geopolíticos, a evolução da taxa de inflação e da curva da taxa de juro *forward*.

E na componente geopolítica, a volatilidade aumentou, o que faz aumentar, nessa componente, os respectivos prémios de risco sectoriais cross-section.

Mas, não obstante, o efeito negativo do aumento da volatilidade geopolítica no conjunto dos prémios de risco sectoriais, tal efeito, pode vir a ser atenuado pela estabilidade ou mesmo redução gradual da taxa de inflação.

Como sabemos os prémios de



MIGUEL A. LOPES/LUSA



Considerando agora este “débâcle” político, dificilmente a privatização da TAP possa ocorrer em 2024, a não ser mesmo no final do ano e se houver estabilidade governativa”

risco têm várias componentes explicativas significativas. E a componente geopolítica é uma delas, mas, a evolução da taxa de inflação também, o é, para além de outras variáveis, designadamente - o efeito em cadeia da taxa de inflação nas diferentes taxas de juro, liquidez, maturidades, expectativas dos agentes económicos, etc - . Mas, fixando-nos, agora, apenas na análise destas duas variáveis explicativas na variação dos prémios de risco, concluímos que se estas duas variáveis tiverem movimentos no sentido contrário, o aumento do risco geopolítico pode vir a ser compensado pela redução gradual da taxa de inflação. Agora, tudo depende da magnitude destes dois movimentos.

Mas, apesar deste nosso Outlook geral para o mercado de Capitais e especificamente para o mercado de M&A, há, também, na nossa reflexão, alguns sectores que tem um quadro macro francamente favorável, designadamente o da banca - especialmente na Europa - , uma vez que o *price book value* transaccionável está muito baixo face aos bons ratios de solvabilidade e de rentabilidade dos Bancos.

Temos, igualmente, um *outlook* relativamente positivo para o segmento das tecnológicas e do retalho.

Ou seja, o mercado de M&A no próximo ano vai ser fortemente influenciado

pela evolução do risco político e pela trajetória da inflação, na vossa opinião.

Em função do sentido, da velocidade do deslocamento e da magnitude destas duas variáveis, teremos uma evolução positiva, neutra ou negativa para o mercado de M&A.

O nosso cenário central é que em 2024 o mercado de M&A em Portugal vai registar uma taxa de crescimento ligeiramente positiva.

Este cenário é baseado em dois pressupostos: 1º - vai haver uma redução gradual da taxa de inflação e 2º- o risco geopolítico não se vai agravar.

Tendo em conta este contexto, o que espera para 2024, tanto no que diz respeito à Optimal, como ao conjunto do sector?

A Optimal Investments, no contexto deste mercado, é uma pequena boutique financeira e, como tal, não tem influência nos grandes números do mercado de M&A, seja, globalmente, seja, sectorialmente. Mas, respondendo ao caso específico da Optimal, diríamos que face ao nosso actual pipeline, estamos francamente positivos para 2024.

Receia que algumas operações que estavam previstas fiquem em causa, nomeadamente a privatização da TAP?

Considerando agora este “débâcle” político, dificilmente a privatização da TAP possa ocorrer em 2024, a não ser mesmo no final do ano e se houver um cenário de estabilidade governativa de centro-direita ou de centro-esquerda.

A multidisciplinaridade promete provocar alterações significativas no mercado jurídico. Acha que será uma oportunidade para firmas como a Optimal, nomeadamente para aprofundarem parcerias com escritórios de advogados ou mesmo passarem a ter na vossa equipa advogados que prestem serviços jurídicos aos vossos clientes?

As empresas de consultoria financeira têm um “network” de operadores de referência de oportunidades de negócio e nesse universo os escritórios de advogados são claramente importantes e pontificam.

moneris



Partilhamos a sua visão de futuro.

A Moneris tem uma abordagem focada no cliente, com uma oferta integrada de serviços e soluções que permite prestar às organizações um apoio de 360 graus na área da gestão, promovendo a excelência da informação financeira e a melhoria dos processos de tomada de decisão críticos para o seu sucesso.

- contabilidade e reporting
- assessoria fiscal
- recursos humanos
- corporate finance
- risco e compliance
- seguros
- formação

Somos o maior grupo nacional de contabilidade e apoio à gestão, presente de norte a sul de Portugal, com uma rede de 20 escritórios sustentada por, aproximadamente, 300 consultores.

moneris.pt

Os nossos serviços são garantidos por equipas com um profundo conhecimento em todos os sectores de atividade, o que permite que cada cliente beneficie do apoio de profissionais que entendem os seus desafios e o acompanham em cada obstáculo.

Conhecer bem os nossos clientes é para nós essencial, para que possamos responder proativamente às suas necessidades.

Integramos uma das maiores redes mundiais de empresas de auditoria, contabilidade e serviços jurídicos – a MSI Global Alliance –, com presença em mais de 100 países em todo o mundo ampliando a nossa capacidade de apoiar as empresas além fronteiras.



europa
áfrica
américa
ásia
oceania

portugal

lisboa
porto
faro
aveiro
bragança

leiria
santarém
setúbal
vila real
viseu

“Não havendo bola de cristal, pelo menos há consultores”

Debate ■ Na JE Lab Talks “Líderes da Consultoria e Assessoria Financeira” estiveram em debate os desafios para as empresas na conjuntura atual e a importância da inteligência artificial para o seu crescimento.

JE Lab

comercial@medianove.com

A instabilidade vivida nos últimos anos, com a pandemia, a invasão da Ucrânia e agora a violência no Médio Oriente, o seu impacto na economia e os desafios colocados às empresas e o papel de quem faz consultoria e assessoria financeira, foram o ponto de partida para a JE Lab Talks: Líderes da Consultoria e Assessoria de Financeira. A conversa entre João Nunes, Manager da Moneris e Carlos Oliveira, CEO da LBC, foi conduzida por Hugo Silva do JE Lab.

João Nunes começou por lembrar que a instabilidade económica tem sido uma constante nos últimos quinze anos, desde a crise do *subprime*, e que esta instabilidade se traduz num enorme desafio para quem faz consultoria e assessoria financeira às empresas. Para o *manager* da Moneris, as atuais crises são reflexo das crises anteriores “e por isso as empresas têm que se habituar a viver nestes cenários de incertezas constantes para que possam enfrentar o futuro com maior assertividade e com maior segurança”. Ainda segundo João Nunes, isso traduz-se também num enorme desafio para as consultoras e para quem presta assessoria às empresas e que o foco terá de estar “numa correta análise e gestão do risco”. E se admite que uma bola de cristal seria útil para conhecer por exemplo as consequências do conflito no Médio Oriente para a Economia, insiste que o essencial é a capacidade de mitigar os riscos.

Para Carlos Oliveira a arma das empresas para responder a esta conjuntura em mudança rápida é a inovação, seja radical, de mudança de modelo de negócios, ou incremental, de melhoria constante. E para o CEO da LBC, para iniciar esta inovação “o apoio externo traz vantagens para as empresas”. O segundo ponto essencial é a agilidade, sendo que quem responder rapidamente às mudanças irá ter vantagem sobre quem demorar mais tempos a responder. Para inovar com rapidez é essencial o apoio externo: “as empresas estão muito focadas nas suas operações e para fazer inovação, mudança, precisam de algum apoio”. O terceiro



ro passo é trazer inteligência de fora para fazer face aos desafios cada vez mais complexo.

A necessidade de acrescentar inteligência externa serviu de mote para introduzir um tema incontornável, a inteligência artificial. Como explicou Oliveira, de “2020 a 2022 o investimento de capital de risco em novas empresas de IA aumentou 425%”. E se a inteligência artificial não é capaz de prever o futuro, “pode ajudar a responder de forma mais rápida”. Segundo o responsável da LBC,

vamos ter um conjunto cada vez maior de ferramentas ao dispor, que irá obrigar a responder mais rapidamente e mais profundamente à inteligência artificial do que estava previsto. E a complexidade de soluções ao dispor vem demonstrar mais uma vez a importância do apoio externo, para permitir às empresas adaptar-se às novas realidades. Outros dos papéis importantes dos consultores é apoiar as empresas a tomar decisões seguras e éticas relativamente à inteligência artificial.

Para João Nunes ainda há um longo caminho a percorrer no que à inteligência artificial diz respeito, salientado que as consultoras precisam de criar não apenas equipas multidisciplinares de IT e de assessoria financeira, mas também têm de estar preparadas para as questões regulatórias, considerando que a regulação da inteligência artificial será um desafio que todos terão de enfrentar. Para isso as consultoras e quem faz assessoria de empresas terá que “definir uma estratégia de processos de inovação digital que levará a automação de processos e questões de cibersegurança”. Este é um desafio especialmente para o tecido empresarial português, consti-

tuido sobretudo por pequenas e médias empresas, que ainda muitas vezes

não está sensibilizado para esta necessidade, o que reforça a importância das consultoras no incentivo às empresas para a importância da inovação. Carlos Oliveira sublinha a importância da inteligência artificial para as PMEs, porque “vai democratizar o acesso a uma série de ferramentas” que segundo ele lhes vai permitir serem “grandes empresas”. A LBC tem já um programa que apoia as pequenas e médias empresas a adotar a inteligência artificial. Com um escritório em São Francisco, a LBC já levou mais de 600 empresários para uma experiência de imersão.

João Nunes sublinhou ainda a importância das consultoras para dar a conhecer às empresas os fundos europeus disponíveis e no apoio às empresas para aceder a estes fundos de forma segura.

Assista a esta JE Lab Talks na JE TV e no Facebook e YouTube d'O Jornal Económico e fique a conhecer a importância da consultoria e da assessoria financeira para o sucesso das empresas num futuro incerto.

Esta Talk foi patrocinada pela Moneris e pela LBC



Assista ao programa no seu smartphone através deste QR Code ou em www.jornaleconomico.pt

#LIDERAR #INOVAR #EMPREENDEUR

DOSSIER: DISTRIBUIÇÃO ALIMENTAR + A SMART CITY DE MICHEL USSENE + A VOZ DAS MULHERES MAIS PODEROSAS DO MUNDO + O DOING BUSINESS DE ANGOLA + A ÁFRICA DE JOHN DRAMANI MAHAMA + OS 3 MIL MILHÕES USD DE MICHAEL JORDAN

Forbes ANGOLA Superbrands 2022 CORPORATE

África Lusófona

Sara Pires
Presidente do conselho de administração da Cabo Verde Airlines

João Pó
Director-geral das Linhas Aéreas de Moçambique (LAM)

Ana Mojer
Presidente do conselho de administração da TAAG

COMO VOAR MAIS ALTO

- O IMPACTO DA MOBILIDADE AÉREA NAS ECONOMIAS LUSÓFONAS
- O OVERVIEW DO SECTOR DA AVIAÇÃO
- A VISÃO DA TAAG, DA TACV E DA LAM

WWW.FORBESAFRICALUSOFONA.COM • ANGOLA • CABO VERDE • GUINÉ-BISSAU • GUINÉ EQUATORIAL • MOÇAMBIQUE E SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE | EDIÇÃO SETEMBRO/OUTUBRO 2023 €5,90

5 607727 191919

MEDIA
NOVE

www.forbesafricalusofona.com

VISITE-NOS TAMBÉM NAS NOSSA REDES SOCIAIS @forbesafricalusofona





Robô-assessor português nasce em Aveiro para melhorar negociações

Tecnologia ■ A Inteligência Artificial também entrou no sector dos investimentos. A empresa Art2Trading, *spin-off* da fintech Learning2Trading, foi uma das cinco empresas seleccionadas na quarta e mais recente edição do Portugal FinLab, o programa que une empreendedores e reguladores do sector financeiro.

Mariana Bandeira
mbandeira@medianove.com

“Um *advisor* médio gasta aproximadamente onze horas por semana em tarefas administrativas, cerca de 20% de uma semana de trabalho típica de 53 horas. A boa notícia? A Inteligência Artificial (IA) tem soluções”. É desta forma que Jeff Spiegel, da BlackRock, sintetiza o impacto desta tecnologia

no sector da consultoria e assessoria financeira, antevendo que, de maneira controlada, vá melhorar a maneira de orientar e fazer investimentos.

Mesmo a maioria dos assessores acredita que os investidores vão querer ainda mais personalização no atendimento dentro de cinco anos, de acordo com o *Independent Advisor Outlook Study*. Portanto, precisam de IA.

Segundo um inquérito do canal “CNBC” e da Survey Monkey, publicado em setembro, mais de um terço (37%) dos norte-americanos estão interessados em utilizar ferramentas de IA para os ajudar a gerir o seu dinheiro, apesar de a maioria dos participantes no estudo dizer que não recorre a ferramentas de IA generativa para aconselhamento financeiro.

Portugal também tem estado

a desenvolver tecnologia reconhecida nesta área. É o caso de um robô-assessor (*robot-advisor*) que utiliza *machine learning* para tomar decisões de investimento, tentar poupar tempo às pessoas, negociar durante 24 horas por dia e eliminar fatores emocionais e psicológico que pesem sob as opções de investimento. O objetivo final? Quiçá, obter maior retorno.

“A IA/*machine learning* estão

a tornar-se cada vez mais essenciais no sector de serviços financeiros e consultoria financeira. As empresas que não adotarem estas tecnologias correm o risco de ficar obsoletas e perder competitividade”, diz um dos inventores, Paulo Carvalho, cofundador da *fintech* Learning2Trading, ao Jornal Económico (JE).

A Art2Trading, *spin-off* da Learning2Trading, foi uma das cinco empresas seleccionadas na quarta

Maioria dos assessores financeiros (52%) acredita que os investidores vão querer ainda mais personalização no atendimento dentro de cinco anos, de acordo com o Independent 'Advisor Outlook Study'

ta e mais recente edição do Portugal FinLab, o programa de empreendedores e incumbentes do sector financeiro. A empresa incubada na Universidade de Aveiro integrou o grupo de finalistas da iniciativa promovida pelos supervisores - Autoridade de Supervisão de Seguros e Fundos de Pensões, o Banco de Portugal e a Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM) - em novembro do ano passado, estando agora a adaptar o produto às exigências ou orientações regulatórias.

"Em termos mais técnicos, estamos a otimizar o algoritmo que irá permitir o aconselhamento e/ou a negociação automática supervisionada pelo homem. Como equipa, estamos comprometidos em garantir que o produto seja seguro e confiável antes de lançá-lo no mercado, porque reconhecemos a importância de minimizar os riscos e evitar problemas para o utilizador", explica Paulo Carvalho ao JE.

A startup encontra-se a adaptar o robô-assessor ao quadro regulatório europeu e também às diretrizes da CMVM, inclusive no que se refere à IA. "Acreditamos que o AI *robot-advisor* tem um potencial gigante de impactar positivamente quem o use, seja pela sua precisão no algoritmo, pela otimização dos ganhos, ou pelo facto de ser uma solução 100% personalizada de acordo com o perfil do utilizador, tornando-o assim um produto exclusivo e de uso geral", diz.

"Os investidores e empresas de consultoria financeira reconhecem cada vez mais estes benefícios e, por isso, demonstram um interesse crescente em integrar a IA nas suas operações. Aqueles que abraçam estas tec-

nologias têm a oportunidade de oferecer serviços mais eficazes e inovadores, que acompanham a evolução do mercado e se adaptam às necessidades dos utilizadores", afirma o gestor.

Questionado sobre o nível de transformação digital no segmento do investimento, Paulo Carvalho diz que ainda está num estágio inicial, porque essa aposta está concentrada nos bancos tradicionais, contrariando a ideia que se ouve de que são as startups a ter as maiores inovações.

"Muitos bancos em Portugal já oferecem serviços de negociação de ações e outros instrumentos financeiros por meio de plataformas digitais, permitindo aos investidores realizar transações com facilidade e conveniência. Estão a investir em aplicações móveis que permitem aos clientes aceder às informações de conta, fazer transações e acompanhar os seus investimentos nos seus dispositivos móveis", argumenta.

Todavia, há desafios por superar, nomeadamente a falta de literacia financeira - cada vez mais necessária, dada a diversidade de classes de ativos e quantidade de instrumentos financeiros disponíveis - e as opções de investimento mais básicas, que ainda se sobrepõem às mais digitais ou vanguardistas, defende. "Portugal é conhecido por ter uma cultura de baixa tolerância ao risco, o que limita a adoção de novas formas de investimento. É necessário um esforço conjunto do governo, instituições de ensino, instituições financeiras e startups", crê o porta-voz da Learning2Trading.

IA: moda ou disrupção?

"De todas as mudanças tecnológicas que aconteceram no mundo, há sempre uma forma de vermos se é realmente disruptiva ou apenas um *hype*: a margem de custo. Por exemplo, a margem de custo de distribuição. Porque é que a *cloud* foi uma inovação tão massiva? Porque a margem de custo do armazenamento ficou a zero. Na IA, a margem de custo da geração de conteúdo vai automaticamente para zero. Fala-se tanto de IA, porque é aplicável a todas as indústrias", clarificou Sven Denecken, vice-presidente sénior e *Chief Marketing & Solutions Officer* da SAP, num encontro de imprensa em Walldorf, na Alemanha, onde o JE esteve presente.

Daniela Esteves
Partner Finpartner



Inês Maurício
Supervisora Finpartner



O papel do report na contabilidade

A contabilidade é uma peça fundamental na vida das empresas, não só no que concerne ao cumprimento das obrigações fiscais e declarativas, mas também como uma fonte de informação importantíssima que deve ser tida em conta aquando da tomada de decisões estratégicas, fundamentando e auxiliando os decisores nas suas resoluções.

A contabilidade tem vindo a evoluir significativamente nas últimas décadas, passando de uma visão puramente fiscal e administrativa para desempenhar um papel cada vez mais relevante na análise financeira e na consultoria para as organizações.

Hoje, os contabilistas também têm de se dotar de uma veia crítica, que lhes permita analisar as contas de uma empresa, de modo a aconselhar os seus clientes da melhor forma adotando desta forma uma postura mais proactiva e menos reativa. É aqui que entra o reporting.

Nos dias que correm um balanço ou uma demonstração de resultados já não são suficientes. Existe uma maior exigência e necessidade de saber mais, por parte dos gestores e administradores, nomeadamente no que concerne à otimização do negócio tanto numa ótica de gestão como numa ótica fiscal.

É neste momento que o contabilista pode fazer a diferença aquando da preparação de reporting que vai muito além das Demonstrações Financeiras. Usando os seus conhecimentos técnicos, deverá analisar de A a Z a informação contabilística, recorrendo a análises de custos e proveitos, à elaboração de orçamentos e controlo dos respetivos desvios, ao cálculo de rentabilidades, avaliação de fluxos monetários, avaliação de investimentos e projetos, fazendo projeções, entre outros.

O reporting serve como um reflexo da situação económica e financeira da empresa e, quando elaborados periodicamente, fornecem às empresas uma visão clara da sua saúde financeira, ajudando a responder a perguntas cruciais, como a possibilidade de encerrar o ano com lucro ou prejuízo, avançar com contratações de reforço de equipa ou mesmo analisar a possibilidade de avançar com investimentos de maior dimensão.

É ainda importante referir que a elaboração e preparação desta informação pode apresentar alguns desafios. Os desafios podem ser vários, desde da dificuldade na obtenção de informa-

ção completa de forma tempestiva passando pelas mudanças constantes da legislação fiscal. Um fator igualmente importante é a expectativa que os gestores/administradores têm a respeito do reporting, sendo fundamental que o contabilista entenda as preocupações dos mesmos, muitas vezes tendo igualmente que direcioná-los para temas de grande relevância que podem ainda não ser do conhecimento deles.

Reveste-se igualmente de grande importância a necessidade de o contabilista servir como intérprete dos números apresentados, de forma a assegurar que a informação é bem interpretada adotando uma postura pedagógica.

É sabido que a evolução tecnológica tem vindo a desempenhar um papel fundamental na contabilidade, e também neste tema, a tecnologia é uma ferramenta essencial na elaboração e agilização do processo de reporting.

Ferramentas como o Excel e softwares de contabilidade tornaram o processo muito mais eficiente, economizando tempo e reduzindo a possibilidade de erros. A automação, a inteligência artificial, a leitura automática de dados e os sistemas ERP com funcionalidades avançadas também têm sido decisivos para a evolução do papel do contabilista tornando-o cada vez mais um elemento fulcral nas organizações. A inteligência artificial, em particular, tem o potencial de realizar cálculos e análises de forma rápida e precisa. No entanto, como mencionado, pode ser um desafio para os contabilistas aceitar que a IA é capaz de realizar tarefas que antes lhes eram exclusivas.

A adaptação a estas mudanças tecnológicas são um desafio futuro para a profissão do contabilista. É importante que se veja a tecnologia como um aliado e não como uma ameaça.

Em resumo, os relatórios financeiros desempenham um papel crucial na tomada de decisões empresariais, e a tecnologia desempenha um papel cada vez mais importante na elaboração de relatórios financeiros precisos e relevantes. A evolução tecnológica, incluindo a inteligência artificial, continuará a moldar a área da contabilidade e da gestão financeira no futuro.

com o apoio

Finpartner
YOUR BUSINESS PARTNER

Otimismo moderado é o mote para encarar o próximo ano no sector

Fórum ■ A recente crise política em Portugal vem adensar as preocupações que existiam, ligadas à subida das taxas de juro. Ainda assim, a desaceleração da inflação e a competitividade do mercado português transmitem otimismo.

1. Quais as perspetivas para o próximo ano e que comportamento terá o mercado da consultoria e assessoria financeira?



Francisco Alvim

Diretor, Head of M&A Portugal da Howden

■ Num contexto geopolítico e macroeconómico complexo (guerra na Europa, dificuldade no controlo da inflação e interrogação sobre a estabilização das taxas de juro), após um arranque cauteloso, o segundo semestre de 2023 deu sinais de recuperação e o ano acabará por ser relativamente equilibrado. O número de operações em 2023 deverá aproximar-se de 2022, mas assistiremos a uma redução do volume. Tal sucede, desde logo, porque algumas operações maiores acabaram por não avançar (por questões de financiamento ou diferença nas expectativas de preço). Em todo o caso, este ano na Howden assessorámos mais transações em Portugal que em 2022, revelador do carácter inovador das nossas soluções e da natureza diferenciadora dos nossos serviços. Como setores mais resilientes vimos o imobiliário, turismo, energias renováveis, infraestruturas e tecnologia ou ainda certas indústrias. Para 2024 o contexto continua incerto, mantendo-se os fatores externos (agravados pelo conflito no Médio Oriente), a que se acrescenta agora o cenário de instabilidade interna e um ciclo

eleitoral intenso no horizonte, com a expectativa que estes períodos sempre geram. Sem prejuízo, continua a haver apetite por parte de investidores e liquidez no mercado à espera da oportunidade certa. Vemos, por outro lado, que alguns operadores procuram fontes alternativas de financiamento, denotando vontade de retomar atividade. Se soubermos aproveitar a instabilidade a nosso favor e salvar ou relançar certos programas (e.g. RNH), isso permitirá atrair investimento que se poderia deslocalizar. Na Howden M&A temos um pipeline para 2024 relativamente saudável, o que nos permite encarar o novo ano com optimismo moderado, apesar dos desafios. Deverão continuar a mover-se os setores indicados acima e assistiremos a algumas reestruturações relevantes ou operações de distressed.

■ Após os anos de pandemia, vivemos um período marcado por uma retoma da procura nos diversos mercados de bens e serviços, a nível internacional e doméstico, sendo para esse efeito utilizada muita da poupança entretanto acumulada. Dado que algumas das cadeias de produção e distribuição não se conseguiram ajustar e responder adequadamente a esse súbito e expressivo aumento da procura, viveu-se (e ainda se vive) num contexto em que em muitos setores de atividade a procura excede claramente a oferta. Esse excesso de procura face à oferta levou a uma subida generalizada de preços, ou seja, ao aumento da inflação, para níveis não observados há muitos anos.



Eduardo Moradas

Executive Board Member do Bison Bank

■ Com vista a controlar essa subida, os bancos centrais viram-se forçados a aumentar as taxas de juro, sendo que se registou a mais rápida subida em muitos anos, com as consequências nefastas a nível do poder aquisitivo e de investimento. No caso concreto de Portugal, a crise política que eclodiu esta semana também aumenta a incerteza específica no nosso país. De uma forma geral, as cadeias de produção e distribuição têm conseguido ajustar-se finalmente aos elevados níveis de procura e a inflação dá claros sinais de abrandamento. Salvo eventos inesperados, as taxas de juro dever-se-ão manter estáveis e posteriormente iniciar um processo de descida. Os indicadores económicos nos Estados Unidos e na China dão sinais positivos, sendo um relevante contributo para o crescimento mundial. A evolução favorável da dívida pública e a consequente melhoria do rating da república, bem como de diversas empresas portuguesas, é igualmente um aspeto positivo muito importante. Nesse sentido, e apesar de vivermos momentos de elevada incerteza, é nossa convicção que poderemos olhar para 2024 com moderado optimismo.



Margarida Anselmo

Managing Director Investment Banking do Haitong Bank

■ As perspetivas para o próximo ano indicam uma tendência de descida da Euribor durante o ano de 2024. Estima-se que estejamos atualmente perto do pico da Euribor e que o BCE não volte a aumentar as taxas de juro diretas. Quanto à taxa inflação, espera-se uma redução progressiva em Portugal e na Zona Euro. Estima-se que esta redução se prolongue para 2025, ano em que se prevê que seja atingido o valor-objetivo do BCE (de cerca de 2%). Neste contexto, as perspetivas de melhoria das condições macroeconómicas nos próximos dois anos, permitem equacionar um cenário de menor incerteza para os investidores, tanto ao nível dos custos de financiamento, como ao nível dos custos dos fatores de produção e do rendimento disponível das famílias. Com a descida da inflação, a diminuição das taxas de juro, a recuperação do rendimento das famílias e o fortalecimento da procura, o crescimento da economia deverá também recuperar em 2024 e 2025. A atividade de M&A é fortemente influenciada pelas expectativas dos agentes económicos. Assumindo um cenário macroeconómico mais estável e com perspetivas positivas para os

próximos meses, é natural assistirmos a um fortalecimento da confiança dos investidores. Os potenciais compradores de empresas, bem como os potenciais vendedores, estarão relativamente otimistas, com a inflação a descer e o fim do ciclo de subida dos juros. Dada a existência de liquidez e de oportunidades, o mercado de M&A deverá retomar o seu dinamismo, mas mais seletivo, apostando nos sectores, que devido à sua dinâmica estrutural deverão ser capazes de manter níveis de rentabilidade interessantes. As áreas onde se esperam mais movimentos de M&A em Portugal estão relacionadas com os motores de investimento e desenvolvimento da economia nacional, nomeadamente a digitalização, a inovação, a transição energética, o turismo e a sustentabilidade. É previsível a manutenção da dinâmica transaccional em particular no sector da Energia e das Infraestruturas (estimulado pelas atuais mudanças nos modelos de produção, distribuição e consumo de energia); no sector Tecnológico e Digital (devido à crescente informatização e investimento em processamento e análise de dados); e no sector Imobiliário / Hotelaria, onde Portugal apresenta vantagens competitivas, o que lhe permite continuar a atrair investimento estrangeiro (apesar das mudanças fiscais e legislativas anunciadas recentemente). Espera-se a concretização de operações nos sectores de infraestruturas, de energia, de telecomunicações e tecnológico, algumas das quais já em execução ou em pipeline.



Paulo Garrett
Managing partner We Contabilidade
by Grupo GlobalWe

■ A atual situação político-económica é de grande incerteza e instabilidade. As anteriores políticas adotadas pelo Governo ainda em funções tiveram um significativo impacto em termos da instabilidade sobre a política fiscal, o comércio internacional, as taxas de juros e a regulamentação setorial. As tensões geopolíticas no Médio Oriente e Ucrânia contribuíram para exponenciar a instabilidade global. Todas estas incertezas potenciam o risco que afeta os modelos de negócios e as decisões de investimento, tendo um reflexo indireto e imediato na procura de serviços de consultoria de apoio à gestão. Face a este cenário nacional e internacional, a adaptação e a capacidade de antecipação e responder às mudanças são elementos essenciais para a atividade da consultoria de gestão em 2024. A abertura de oportunidades de prestação de serviços diferenciados e de valor acrescentado pelas pequenas e médias consultoras e consultores independentes, com preços ajustados é uma mais valia. A evolução da ESG (Environmental, Social and Governance) constitui uma oportunidade no mercado da consultoria.



Rui Pedro Almeida
CEO e Managing Partner
da Moneris

■ O setor de serviços profissionais, designadamente a atividade das empresas de contabilidade, beneficiou de algo que poucas outras indústrias experimentaram, durante a pandemia: estabilidade e ausência de interrupções na prestação de serviços. No entanto, num mercado de trabalho pós-pandémico, cada vez mais competitivo, com níveis de inflação crescentes e o aumento das despesas operacionais, designadamente com rendas e alugueres, com custos de licenciamento tecnológico, ou com custos com salários e benefícios, estes últimos os mais relevantes na estrutura de custos destas empresas, a rentabilidade do setor está a ser fortemente desafiada. As estratégias clássicas e tradicionais de redução de custos, com vista a proteger o bottom line, revelam-se ineficazes, em tempos de inflação elevada, sendo que os aumentos das receitas não têm sido suficientes para compensar o crescimento acentuado das despesas diretas. Assim, o foco é cada vez mais colocado na produtividade, sendo esta uma prioridade de todas as empresas de serviços profissionais. Estes ganhos de eficiência operacional só serão alcançáveis através do uso da tecnologia, que permitirá às empresas prestarem serviços com recurso a menos capital humano, de forma mais tempestiva e, acima de tudo, de maior valor acrescentado, que possa ser faturado aos clientes com valores diferenciados e proporcionais à qualidade e relevância do serviço prestado. Assim, as empresas de serviços profissionais estão a olhar para dentro, para avaliar como é que a tecnologia, associada ao talento disponível, poderá permitir melhorar a eficiência

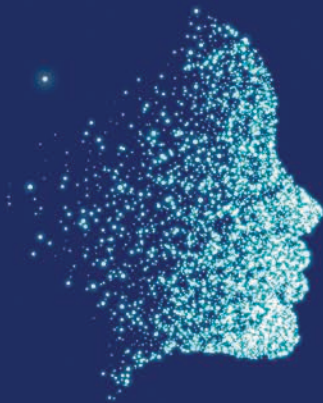
das operacional, fazendo mais e melhor com os mesmos recursos. É claro que isto exige estofo e autonomia financeira, visto que este tipo de estratégia exige um investimento de médio-longo prazo, designadamente em infraestrutura, desenvolvimento e licenciamento tecnológico, o que em contexto de taxas de juro elevadas deve ser ponderado e avaliado, em face do seu esperado retorno. Espera-se um próximo ano de acalmia da taxa de inflação e de estabilização, ou até ligeira redução, das taxas de juro, mas as empresas não devem esperar um regresso a um cenário macroeconómico de pré-pandemia e pré-guerra na Ucrânia. Esse não será um outlook prudente ou sequer credível para os anos que se avizinham.

Inteligência Artificial nas empresas

O que devem fazer os decisores?



Use o QRCode para conhecer a nossa abordagem transformadora



RE-IMAGINAMOS E CRIAMOS O SEU FUTURO JUNTOS

Consultoria de Gestão • Transformação Digital
Academia de Talento • Inovação e Aceleração
Change & Project Management Office

+1.100 projetos em **17** países

LBC Innovative Transformation
www.lbc-global.com

#LIDERAR

#INOVAR

#EMPREENDER

DOSSIER RECURSOS HUMANOS & FORMAÇÃO + AS WALLETS DE VALÉRIE NOWAK
+ A JUSTIÇA SOCIAL DE DAMON WOODS + A MARCA DE LUXO DE RUI MARTINS
+ O STORYTELLING DOS MORANGOS COM AÇÚCAR

Forbes

50

MILIONÁRIOS

AS FAMÍLIAS MAIS PODEROSAS DE PORTUGAL AGREGAM
UM PATRIMÓNIO DE QUASE 40 MIL MILHÕES DE EUROS

WWW.FORBESPT.COM · PORTUGAL · OUTUBRO / NOVEMBRO 2023 · REVISTA BIMESTRAL · €5,90



MEDIA
NÓVE

www.forbespt.com

VISITE-NOS TAMBÉM NAS NOSSAS REDES SOCIAIS @forbespt

